

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CORAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - CORUFS (1970-1990)

Cristiano de Jesus Ferronato[*]

Elias Souza dos Santos[**]

Lucas Wendell de Oliveira Barreto[***]

[*] Doutor em Educação -Universidade Tiradentes -
UNIT – cristiano_jesus@unit.br

[**] Doutorando em Educação - Universidade
Tiradentes - UNIT - essregentedecorais@gmail.com

[***] Graduando em Histórias-Universidade
Tiradentes - UNIT - lucaswendelloliver@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar as práticas educativas do Corufs no período de 1970 a 1990. Trata-se, então, de uma pesquisa de caráter histórico documental cujo produto, a fonte escrita, é a nossa matéria-prima. As fontes foram analisadas com base em Le Goff (1984), historiador que nos aconselha a desmistificá-las. No decorrer dos seus 47 anos de vida, o Corufs vem executando um repertório que abrange os gêneros erudito e “popular”, sendo que nas duas primeiras décadas de atuação, suas apresentações se deram nos âmbitos local, nacional e internacional. Assim, apesar de os documentos informarem que a música brasileira teria lugar garantido, no repertório, percebemos que, nos folders, a música erudita europeia ocupou o principal lugar.

Palavras-chave: Formação inicial. Ensino de Literatura. Metodologia de Ensino de Literatura. Leitor literário.

Introdução

Desde a antiguidade, a humanidade faz da arte uma ferramenta de expressão de sentimentos, de comunicação, de transmissão de cultura. Na Grécia antiga a música surgiu enquanto uma dessas manifestações artísticas e ultrapassou diversas temporalidades, alegrando festas, consolidando tradições, educando os ouvidos, assumindo faces específicas de acordo com o contexto social e histórico. Em cada época as concepções de mundo vão sendo reformuladas, tendo em conta um conjunto de estratégias que visem a solidificação dessas concepções. Haja vista a função educativa da arte musical, no século XX, cujas três últimas décadas compõem o recorte temporal dessa análise, a música foi utilizada enquanto sinônimo de bons modos e veículo de legitimação dos anseios dos governos, já que o modelo republicano se assemelhava aos modelos europeus de civilidade¹ e sacralidade.

A educação musical não fugiu à regra e serviu de instrumento para a formação de um cidadão à luz do regime republicano, que necessitava incutir na mentalidade da época o gosto pelos valores europeus. Desta forma, foi inserida no currículo do ensino brasileiro a disciplina de Canto Orfeônico, para além disso, cursos profissionalizantes e órgãos de regência da educação musical foram criados, bem como corais e conservatórios de músicas. Toda uma estrutura montada para educar o cidadão e profissionalizar o agente educador. Não obstante, ainda no século XX a disciplina Canto Orfeônico deixou de ser obrigatória e a educação musical, nos moldes formais, perdeu seu prestígio. É nesse contexto que ocorre a criação do Coral da Universidade Federal de Sergipe (Corufs).

O nosso objetivo é investigar as práticas educativas do Corufs dentro do período de maior atividade (1970-1990), época em que foi regido pelo maestro Antonio Carlos Plech, analisando seus repertórios, os papéis desempenhados na sociedade acadêmica, sobretudo no Centro de Cultura e Arte (Cultart), órgão vinculado ao Programa de extensão da Universidade

¹ Sobre o conceito de civilidade, entende-se a partir de uma série de fatores: refere-se ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conceitos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Refere-se ao tipo de habitações ou à maneira de como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo poder judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos (ELIAS, 1990).

Federal de Sergipe.

O que significou, para a história da educação sergipana, a criação do Corufs? O repertório do Corufs apresentou-se de forma eclética ou houve preferência por algum gênero musical?

Quanto à hipótese de pesquisa, entendemos que a história da trajetória de Corufs apresenta-se, para além do seu papel, na formação dos universitários e na consolidação do movimento coral em Sergipe e no Brasil, de forma contraditória. As suas práticas relevam que a música erudita europeia foi privilegiada. Por outro lado, as canções brasileiras, de tradição oral e popular, ficaram em segundo plano.

Esta pesquisa, de caráter histórico documental, nos coloca em contato direto com a realidade do campo de investigação, a partir de documentos “de primeira mão”, que possibilitam uma análise rica e descritiva (GIL, 2007).

É fato que a fonte documental é a matéria-prima dos historiadores, mesmo sabendo que esse tipo de fonte não é a única verdade, ou testemunho do passado (BACELLAR, 2006). É necessário, então, desmitificar e desestruturar o documento, quando intencionamos utilizá-los em uma pesquisa. Para Le Goff (1984), o historiador não pode ser ingênuo. Por outro lado, reconhecemos que os documentos guardam alguns aspectos da memória do Corufs.

Por se tratar de um Coral criado no interior da Universidade Federal de Sergipe, a relevância desse estudo para a história da educação, consiste no fato de não existir na academia, até o presente momento, trabalhos que contemplem a história do Corufs.

HISTORIANDO O CANTO COLETIVO

O canto coletivo, conhecido como canto coral, pode ser entendido como uma prática cultural que foi e continua sendo desenvolvida no mundo todo. O canto coral, no dizer de Vieira (2012, p.35), “representa o costume de se cantar juntamente com outras pessoas”.

Tal prática encampa uma série de gostos, gêneros e sonoridades que variam de acordo com a época. A origem do termo coro vem da palavra grega *choros*, que significa cortejo dançante, pois, antigamente, o canto estava atrelado à dança. “*Choros*, entre os gregos, definia as várias atividades que integravam o conceito do drama grego na Grécia Antiga, cultivado por dramaturgos como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e que englobavam a Poética, o Canto e a Dança” (SANTANA, 2014, p.1).

No século XII surgiram as primeiras partituras, especialmente produzidas para coro. Inicialmente os coros cantavam em uníssono, ou seja, uma melodia entoada em um único som. Com o passar dos séculos novas técnicas surgiram e o canto coletivo sofreu inflexões; passou de um canto coletivo, cujas músicas eram executadas com um único som, para um canto coletivo a três e a quatro vozes (SANTANA, 2014). Nos dias atuais, a depender do tipo de coral, canta-se a duas, três, quatro, seis e até a oito vozes; mas é mais recorrente ouvirmos corais cantando a quatro vozes, sendo duas femininas (soprano, contralto) e duas masculinas (tenor e baixo).

O termo coral se origina de coro e o canto coral se refere à prática de canções desenvolvidas por várias pessoas ao mesmo tempo. Acresce que a palavra coral também se refere a uma forma de composição musical que teve sua origem nos cânticos adotados pela Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero. Esse estilo de composição pode ser encontrado nas obras de Johann Sebastian Bach e nos hinários das igrejas protestantes (BARRETO, 1938). A partir da primeira metade do século XIX o canto coral também teve seu lugar garantido no contexto escolar. A sua inserção no currículo escolar provocou uma alteração na sua denominação. Até 1832 os grupos que praticavam o canto coletivo denominavam-se corais².

A partir de 1833, segundo Arruda (1960, p. 112), o coordenador do ensino de canto das escolas de Paris, Guillaume Louis Bocquillon Wilhem (1781-1842), com o intuito de

²O coral se diferencia do orfeão porque exige, dos (das) componentes, mais conhecimento da técnica vocal, da partitura e por executar um repertório mais complexo. Já o orfeão refere-se aos grupos escolares e de associações compostas por professores, militares, operários e amadores de música que participavam desses grupos sem nenhum interesse profissional. O repertório interpretado pelos (as) orfeonistas é formado por canções de fácil execução (BARRETO, 1938).

homenagear o mitológico Orfeu, adotou o termo *L'Orpheon* para designar os coros de alunos de todas as escolas que se reuniam para, de quando em quando, realizarem audições. Desde então a palavra orfeão passou a ser empregada em vários países, incluindo-se o Brasil (BONITO, 1952). Em Portugal a terminologia *Orpheons* aplicou-se aos corais mistos, quer de origem popular, quer pertencentes a liceus, escolas e universidades. O movimento orfeônico nesse país iniciou-se com a criação das associações orfeônicas e esteve presente no currículo da escola, através da disciplina Canto Coral. Há registros de inúmeros orfeões criados nas cidades portuguesas. Podem ser tomados como exemplos, o Orfeão Acadêmico de Coimbra e o Orfeão do Porto. Este Orfeão completou, em 03 de fevereiro de 2016, 106 anos de existência (BONITO, 1952).

A partir da Revolução de 1930, no Brasil, o Canto Orfeônico foi introduzido nas escolas brasileiras e se tornou uma disciplina obrigatória no currículo escolar, por força do Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931. Nesse contexto, em nível nacional, o projeto de inserção da música no currículo da escola teve como coordenador, o compositor Heitor Villa-Lobos. Durante esse período estiveram em evidências, no contexto escolar, os temas que se voltavam à valorização do nacionalismo, da estética, da moral, da natureza, do trabalho, do patriotismo, da higiene, da disciplina, da raça e da cultura. Buscou-se um sentido de raça e de nacionalidade a partir das músicas de tradição oral e, também, de caráter pátrio e cívico (SANTOS, 2016).

Durante o período de 1931 a 1971, no Brasil, a prática do canto coletivo denominou-se orfeão. Somente depois da década de 1970, quando a disciplina Canto Orfeônico foi extinta do currículo escolar, o nome orfeão caiu em desuso e a denominação canto coral voltou a ser utilizada (SANTOS, 2016). É muito comum, no meio do movimento coral, o uso de duas palavras que designam o canto coral: coro e coral. A palavra coral deveria ser utilizada como adjetivo, mas alguns autores fazem dela um substantivo. O uso mais correto da palavra coral deveria ser para qualificar um adjetivo, a exemplo de expressões como canto coral, arranjo coral, grupo coral, formação coral, produção coral, composição coral, movimento coral, dentre outras. O fato de a palavra coral ter sido utilizada por instituições como uma palavra isolada, fez com que o termo se tornasse um adjetivo/substantivo. Coral é, então, o termo adotado por instituições públicas e particulares para nomear seus coros (VIEIRA, 2012). No contexto atual, o coral é um gênero da música praticado por várias instituições: escolas, igrejas, empresas

públicas e particulares, sociedades autônomas e universidades que se interessam, cultivam e praticam esta atividade.

No final do século XIX o movimento musical em Sergipe era intenso e diversificado. Entre as linguagens artísticas, a música foi a arte mais praticada pela sociedade (DANTAS, 2004). No que concerne ao canto coral, comprova-se que havia uma prática coral na Província de Sergipe que remete ao momento da visita do Imperador D. Pedro II, 1860. Segundo Nunes (1984), o Imperador visitou algumas escolas da capital e do interior e fez anotações a respeito das condições do ensino desses estabelecimentos. Ao retratar a escola da cidade de Laranjeiras (SE), cuja professora era Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança, o Imperador afirmou: “Receberam-me com um hino de estilo religioso em Francês” (PEDRO II *apud* NUNES, 1984, p. 287).

O canto coletivo esteve presente nas cidades do interior de Sergipe durante a primeira metade do século XIX, a exemplo de Laranjeiras, Estância e Maruim, pois estas cidades possuíam uma vida cultural rica, diversificada e intensa. Partindo dessa assertiva, provavelmente o canto coletivo deveria ser praticado nas cerimônias religiosas e em outras solenidades e festas. Conforme destacam Graça, Souza e Filho (2002), existiu em Aracaju, em 1860, uma prática de canto coral voltada ao culto religioso. Durante a Primeira República o canto coletivo era executado constantemente nas atividades dos grupos escolares sergipanos. O Hinário Escolar Sergipano, publicado em 1913, foi utilizado nos grupos escolares e nas escolas singulares³ e está organizado em duas partes. A primeira é composta pelos hinos patrióticos de Sergipe, da Independência, Nacional, da República e da Bandeira; a segunda apresenta 12 hinos escolares. A presença desse hinário aponta para uma prática do canto coletivo em quase todos os momentos do tempo escolar (SANTOS, 2016).

Da Revolução de 1930 até o final dos anos de 1970, o canto coletivo esteve presente em Sergipe e era praticado nas escolas e demais instituições públicas e particulares. O

³ Escolas *singulares* ou escolas *isoladas*, foram instituições responsáveis pelo ensino elementar (ler, escrever e contar) destinadas às crianças de sexo masculino e feminino, provenientes de segmentos étnicos menos favorecidos. Em São Paulo empregou-se o termo de *escolas isoladas*. Por outro lado, nos documentos oficiais do estado de Minas Gerais, utilizaram-se as duas expressões (*escolas singulares* e *escolas isoladas*). Em Sergipe, optou-se pelo uso de *escolas singulares* conforme consta na capa do Hinário Escolar Sergipano publicado em 1913 (SANTOS, 2016).

repertório era composto por canções que exaltavam a pátria, a natureza, os grandes heróis brasileiros e os símbolos. Prevalciam os gêneros pátrios, cívicos e populares no repertório. A grande diferença consistiu na mudança do nome dos grupos que praticavam o canto coletivo. Em vez de canto coral, a atividade passou a ser denominada canto orfeônico. Também houve alteração quanto ao termo coral, que passou a ser denominado orfeão. Com a exclusão da disciplina Canto Orfeônico do currículo das escolas brasileiras, na década de 1970, o nome canto coral voltou a ser utilizado, tanto pelas escolas quanto pelas instituições públicas e universidades (SANTOS, 2016).

MEMÓRIA E HISTÓRIA DO CORUFS

Tendo em vista que o objeto são as práticas educativas do Corufs, a princípio, para a realização da pesquisa, escolhemos o acervo do Centro de Cultura e Arte (Cultart) - instituição atrelada à Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tínhamos informações de que parte da documentação estava alocada no porão do prédio. Porém, quando nos dirigimos ao acervo desta instituição, fomos impedidos de ter acesso em virtude de uma reforma que estava acontecendo no Cultart. Com este empecilho, tivemos que redimensionar a pesquisa, investigando em algumas fontes disponíveis no Arquivo Central da UFS. Para a realização da pesquisa documental, fizemos um levantamento de fontes sobre o Corufs. As fontes coletadas e analisadas estão em formato físico e em bom estado de conservação. Encontramos, também, alguns documentos (iconográficos) no acervo pessoal da professora doutora Josefa Eliana Souza, cedidos em formato digital. Selecionamos alguns documentos para análise que foram importantes para os resultados da pesquisa, uma vez que, entres eles, identificamos: fotos de apresentações, folders de eventos, histórico das atividades do coral, panfletos dentre outras.

Localizamos oito documentos iconográficos, com conteúdo diverso: há fotos sobre o Corufs em apresentação; fotos inéditas do maestro Antônio Carlos Plech; imagens que mostram a formação dos cantores, cuja disposição mostram as mulheres na frente e os homens atrás. Também há imagens do grupo em eventos de outras localidades, a exemplo do

II Encontro Nacional de Corais, realizado em Pernambuco no Teatro Santa Isabel, entre 30 de outubro e 02 de novembro de 1980. Para além dessas imagens, destacamos também outras fontes como um convite para o concerto comemorativo do aniversário de 20 anos do Corufs, ocorrido em 15/12/1990, no auditório Villa Lobos, do Conservatório de Música de Sergipe; um histórico abordando a trajetória desse grupo, desde seu nascimento, 1970, até 1990. Encontramos, também, um boletim de notícias da UFS, cinco currículos de Plech, onze folders de eventos, dois panfletos, um convite, um catálogo de extensão e um relatório de atividades do Cultart.

Todas essas fontes registram atividades de apresentação do Corufs, repertório, formação acadêmica do maestro, oficinas que demonstram, sobretudo, o seu caráter educativo. Vale destacar que algumas delas são extensas, com grande produção textual, oferecendo diversas informações sobre estrutura do Cultart; dificuldades enfrentadas; projetos com objetivos e metas; tensões políticas de sua época. Embora tenhamos coletado o total de trinta e duas fontes, que revelam a memória do Corufs, decidimos analisar apenas dezesseis, a saber: o convite, o histórico do coral, os onze folders, o relatório das atividades do Cultart e os currículos de Carlos Plech. O motivo da escolha dessas fontes, tem a ver com a conexão que elas têm com o nosso objeto, ou seja, os seus conteúdos demonstram a forma como se deram as práticas educativas do Corufs. Ademais, mesmo que o currículo⁴ do maestro Plech não tenha oferecido informações diretas sobre o objeto, foi necessária a análise, visto que a figura deste sujeito foi imprescindível ao Coral, sendo um dos critérios para a delimitação do recorte temporal da pesquisa.

O maestro Antônio Carlos Plech nasceu no dia 10 de outubro de 1936, em Aracaju/Sergipe. Era filho do Superintendente do Ensino de Música em Sergipe, pianista e maestro Genaro Plech (Diretor-fundador do Instituto de Música de Sergipe). O Maestro do

⁴ A análise dos onze folders e dos cinco currículos de Plech serviu para fins de discussão durante a apresentação dos resultados em grupo de pesquisa. Entretanto, cabe ressaltar que inserimos neste texto apenas dois folders (do evento “Programme de la commemoration du 14 juillet” e da oficina “INTRODUÇÃO AS INVENÇÕES DE J. SEBASTIAN BACH”) e um currículo, que foram suficientes para discorrer sobre o repertório do coral e conhecermos sobre o maestro, respetivamente.

Corufs teve uma formação musical sólida, estudou piano no Conservatório Pró-Arte no Rio de Janeiro, Canto Orfeônico no Conservatório de Canto Orfeônico nessa mesma cidade e fez alguns concertos de piano⁵.

Em 1963, Carlos Plech foi contemplado com uma bolsa de estudo do Governo Romeno para cursar a Especialização em Educação Musical e Regência. Ainda nesse país, o pianista publicou alguns artigos, cujos conteúdos abordam alguns aspectos da música brasileira, na Revista do Conservatório Nacional e casou-se com a jovem Madalena. Ao retornar ao Brasil, o professor o maestro fundou o Corufs, em 1970. Depois de uma década regendo esse coral, Carlos Plech retornou à Romênia, desta feita para concluir o Curso de Musicologia Medieval. De volta ao Brasil o músico reassumiu o Coral. O tempo desse educador frente ao Corufs durou duas décadas, pois veio a falecer em 1991, com apenas 54 anos de idade⁶.

Durante a regência de Plech, o Corufs foi um grupo vocal misto que em sua trajetória buscou reviver a música antiga e, concomitantemente o folclore brasileiro, abordando as raízes da cultura erudita e popular em seu repertório. Daí percebemos sua função educativa. Elias Santos (2012) afirma que o superintendente do ensino do Canto Orfeônico em Sergipe, Genaro Plech, pai de Antônio Carlos Plech, utilizou as metodologias mais modernas da época, aliando os princípios pedagógicos à música para desenvolver civismo, disciplina e arte. A partir desse período a educação musical, Sergipe atingiu um alto grau de desenvolvimento, declinando a partir da década de 1950. Encontramos, durante uma visita extra ao Conservatório de Música de Sergipe, um caderno de matrícula que confirma tal declínio.

Abarcando o período de 1940 a 1970 (sendo esta a data da criação do Corufs), identificamos que mesmo sendo Instituto de Música e Canto Orfeônico na época, não existia uma disciplina sequer sobre Canto Orfeônico, em nenhuma das décadas da conjuntura em questão. Após a mudança de diretoria na década de 1970, percebemos novas configurações do

⁵ CURRÍCULO. Antônio Carlos Plech. [s.d].

⁶ As informações a respeito do Maestro Carlos Plech foram retiradas do seu currículo, documento sem data, encontrado no Arquivo da Sociedade Filarmônica de Sergipe (Sofise).

currículo, com disciplinas voltadas para instrumentos de banda, contudo, permanecendo sem a disciplina Canto Orfeônico. Este declínio não impossibilitou Antônio Carlos Plech, após o retorno ao Brasil em 1970, de fundar o Corufs que, apesar do declínio do Canto Orfeônico na educação formal, foi reconhecido pela qualidade vocal dos componentes e transmitia, através da música, a cultura, sendo essa a sua função educativa.

A estreia do Coral da Universidade Federal de Sergipe ocorreu na noite de 5 de dezembro de 1970 no Teatro Atheneu “com grande acolhida calorosa do público e da Imprensa aos jovens e cantores que davam o primeiro passo inicial do canto coral na cidade⁷”. Quanto as suas atividades, logo nos primeiros anos o Corufs se apresentou em vários estados do Brasil, bem como no exterior. Identificamos apresentações no festival internacional de coros e no Festival Panamericano em Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Afora isso, participou, também, do concurso nacional de coros promovido pela Rede Globo de televisão. Classificou-se em segundo lugar no Festival Universitário do Nordeste (Penedo-AL) e ocupou a terceira colocação no Festival Nordestino de Coro em João Pessoa.

É perceptível que as atuações mais recorrentes do Corufs foram nos encontros de corais e nos festejos culturais de São Cristóvão (SE). A brilhou o primeiro festival de coros de Maceió e os dois primeiros encontros nacionais de coros em Recife. Esteva presente, também, na solenidade de hasteamento da bandeira nacional em Brasília. Sua atuação internacional também nos chama a atenção. Em 1976, o grupo fora convidado pela embaixada brasileira de El Salvador, atuando também no México. O coral da UFS se apresentou em todos os festivais de arte de São Cristóvão, promovidos pela Universidade Federal de Sergipe com a participação do Ministério da Educação, levando a arte e transmitindo a cultura popular e erudita, também, para algumas cidades do interior do estado de Sergipe.

O coral, no período de 1970 a 1990, era formado por discentes de ambos os sexos, ex-alunos e funcionários da UFS, constituindo assim um grupo de coralistas amadores, que

⁷ Breve Histórico do Coral da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: Brasil [s.d.].

trabalhavam em um ritmo intensivo de ensaios⁸. Quanto ao repertório, percebemos que, embora fosse eclético (engloba todos os gêneros da música), a preferência dava-se ao estilo musical clássico. Esta preferência, provavelmente, deu-se, sobretudo, em virtude da formação do maestro Plech, na Romênia, cuja ênfase metodológica, era voltada à música erudita. Os folders dos eventos nos quais o Corufs se apresentou, confirmam a assertiva, uma vez que traziam o repertório utilizado.

É importante ressaltar que a atuação do maestro Carlos Plech para a história da música e para a história da educação, se deu para além do Corufs. Percebemos que este maestro, no período de regência do coral, participou de diversos eventos onde ministrou oficinas, estas, por sua vez, destacaram-se pelo seu caráter educativo. No XVIII Festival de Arte de São Cristóvão apresentou a oficina “Introdução às Invenções de J. Sebastian Bach”, trabalhando com projeções de vídeo, análise de partituras, audição integral das invenções do músico do século XVII, debates e leitura de apostilas. Mais uma vez percebemos a primazia pelo estilo clássico:

As “invenções” de J. S. Bach, junto com o “CRAVO BEM TEMPERADO” do mesmo compositor, são obras consideradas e adotadas nos Conservatórios do mundo inteiro como fundamento no Ensino do Piano; nossa oficina põe-se a desenvolver um estudo mais

abrangente das INVENÇÕES a fim de transmitir aos participantes noções de interpretação, forma e histórico da obra prima do compositor alemão (OFICINA INTRODUÇÃO AS INVENÇÕES DE J. SEBASTIAN BACH; ARACAJU - BRASIL [s.d.]).

Carlos Plech foi ministrante de outras oficinas de instrumentos musicais e de percepção musical, a maioria vinculada aos festivais de música que aconteciam no Cultart - UFS. A importância do Cultart para a educação musical em Sergipe é notória, isso porque este órgão, conhecido como Centro de Cultura Arte, esteve vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Sergipe, sendo responsável pelas atividades comunitárias referentes à definição e execução da política de extensão cultural da UFS. A

⁸ As fontes não nos permitiram identificar dias, locais e horários dos ensaios do Corufs.

definição correta para as propostas do Cultart⁹ é, de fato, o culto a arte. Dentro das décadas de 1970 à 1990, teve como principal proposta a execução de “um trabalho administrativo de forma que pudesse [...] contribuir para a formação de artistas, grupos artísticos, professores de educação artística, estudantes e pessoas interessadas da comunidade Universitária e da sociedade em geral” (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO CENTRO DE CULTURA E ARTE - CULTART / PROEX / UFS (1992 - 1996); SÃO CRISTÓVÃO, 1996).

Consequentemente, tais eventos promoviam uma simbiose entre diversos artistas em nível nacional, promovendo a formação de grupos estudantis, a fim de que pudessem criar novas formas de arte experimental executada sobretudo pelos acadêmicos. De modo geral, as realizações contemplaram as diversas expressões artísticas, reproduzindo e incitando os produtos da cultura local. O Cultart se destacou pelo seu caráter intercambalista, uma vez que participava ativamente de eventos realizados por outras instituições. As atividades eram desenvolvidas sob forma de mostras, oficinas, encontros, semanas culturais, concursos e cursos, sendo dispersas em diversas áreas como artes plásticas, literatura, música, dança e fotografia. Na área da música, encontra-se o projeto Arte Coral, fundado em 1990, cuja meta era promover a integração da Universidade com as demais cidades do interior sergipano, objetivando a divulgação do canto coletivo e da cultura.

⁹ O Cultart está estruturado em: direção, secretaria de apoio, coordenação de música e artes cênicas - Comarce, coordenação de artes visuais - Coarvis e um setor de foto-cine-vídeo. A Comarce, o Coarvis e o setor de foto-cine-vídeo são as unidades executoras da programação cultural estabelecida ao final de cada ano, sob a coordenação da direção, para ser desenvolvida no ano seguinte e de outras atividades surgidas durante o ano, após a publicação da referida programação. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO CENTRO DE CULTURA E ARTE - CULTART / PROEX / UFS (1992 - 1996); SÃO CRISTÓVÃO, 1996).

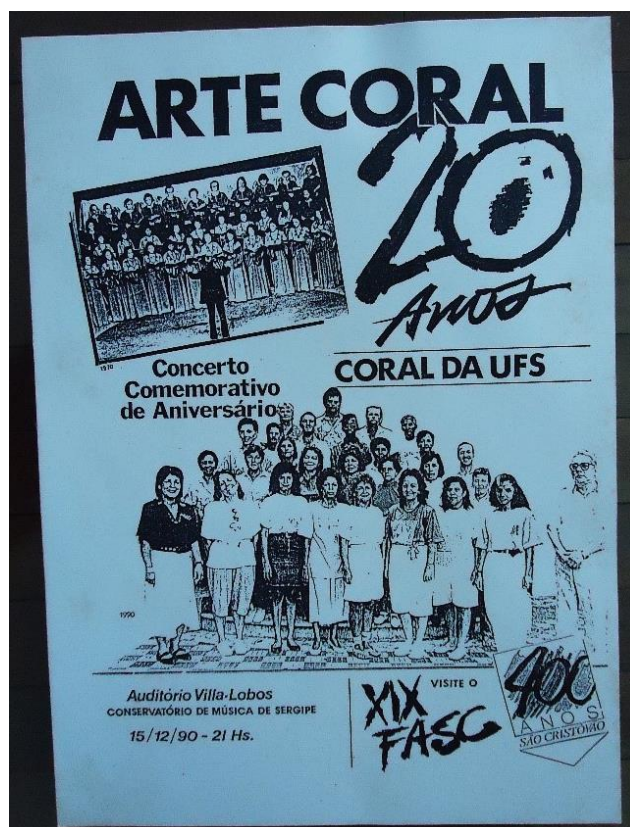


Figura 1: convite para o concerto de comemoração dos 20 anos do Coral da UFS, realizado em 1990.
Fonte: BRASIL. ACERVO PESSOAL DA PROFA. JOSEFA ELIANA SOUZA. **Convite para concerto comemorativo de aniversário do CORUFS (15/12/1990)**. ARACAJU - BRASIL [s.d].

Em 1990, o Corufs se juntou aos franceses no “*Programme de la commemoration du 14 juillet*”, em comemoração da Queda da Bastilha e da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no primeiro ano de atuação do consulado francês em Aracaju. No programa da apresentação constam as músicas: *Ave Maria*, de T. L. da Victoria com arranjador não identificado; *La Vitleem*, música medieval romena de autor não identificado, com arranjo de N. Lungu; *Amours, Parties*, de Claude de Semirsy sem arranjador identificado; *Pavane*, do século XVI, autor e arranjador não identificados; *Tourdion*, também do século XVI sem autor e arranjador não identificado; Berimbau, de Vinícius de Moraes e Baden Powell com arranjo de Arlindo Teixeira, como podemos observar na figura abaixo.

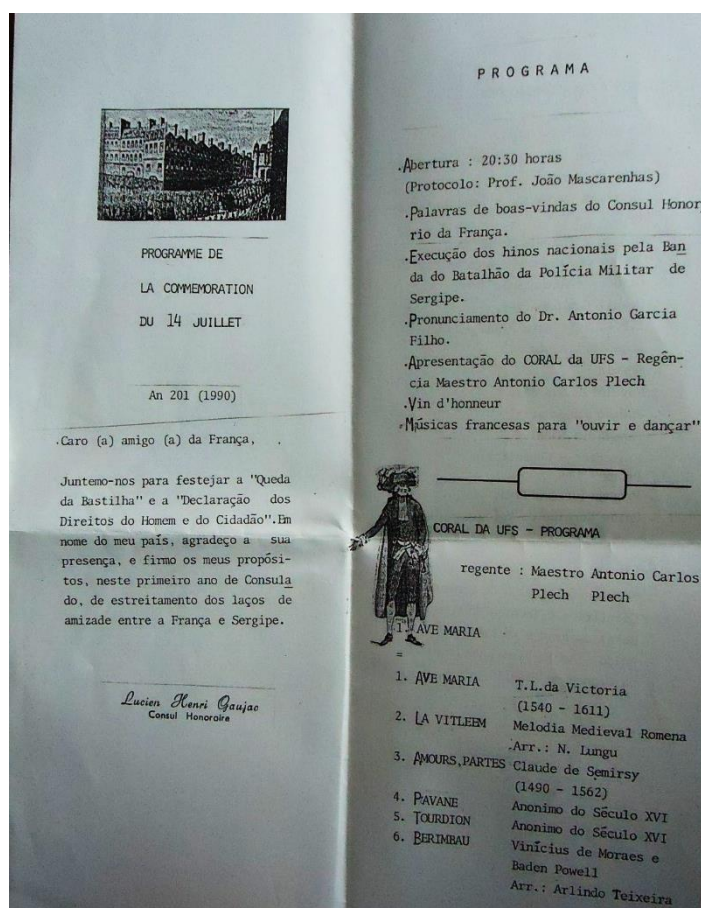


Figura 2: repertório do CORUFS no *Programme de la commémoration du 14 juillet*.
Fonte: BRASIL. ACERVO PESSOAL DA PROFA. JOSEFA ELIANA SOUZA. *Folder Programme de la commémoration du 14 juillet*. ARACAJU - BRASIL [s.d].

Dentro das duas décadas analisadas, surgiram diversas dificuldades, sobretudo financeiras, enfrentadas pelo Cultart para a realização das atividades. É perceptível nos relatórios deste órgão a reclamação no que se refere a ausência no orçamento do Ministério da Educação de recursos destinados a cultura. O fato que ocasionou isso provavelmente tenha sido a ressecção econômica que assolou o país durante e após o governo de Fernando Collor, tornando as atividades artísticas na educação dispensável. O pronunciamento da administração do Cultart deixou claro essa despreocupação com a arte e, por conseguinte, com a música dentro da educação. Além disso, reafirma nossa perspectiva de que em tempos de declínio da educação musical, órgãos como o Cultart, ao qual o Corufs era vinculado, apresentava-se como resistência:

A arte e a cultura passam a ser consideradas mais supérfluas do que já são considerados normalmente em nosso país e dos poucos recursos destinados à UFS, nem sempre é possível retirar uma fatia para este fim sob pena de comprometer outras áreas que são prioritárias para a manutenção do seu funcionamento. Dessa forma, o CULTART optou por estabelecer parcerias que tornassem possível a concretização da programação cultural estabelecida para cada ano de 1992 a 1996, entretanto o agravamento da crise financeira das instituições com os inevitáveis cortes de despesas provocou uma redução de investimentos na área artístico-cultural dificultando o encontro de parcerias para realização do trabalho na sua totalidade. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO CENTRO DE CULTURA E ARTE - CULTART / PROEX / UFS 1992 - 1996; SÃO CRISTÓVÃO, 1996).

Desta forma, atividades outrora planejadas minuciosamente tiveram que ser canceladas, a exemplos das apresentações nas edições XXIV e XXV do Festival de Arte de São Cristóvão, que seriam realizados, respectivamente, nos anos de 1995 e 1996. Muito embora tivesse cancelado no primeiro semestre de 1996 seis oficinas em virtude da ausência de verbas, de forma alguma, inviabilizou totalmente o Cultart de continuar com sua política de contribuir para a formação de recursos humanos e para o desenvolvimento cultural sergipano. Este órgão, através de seus setores, continuou e continua com suas atividades, levando a cultura através de suas formas artísticas, a exemplo do Coral da Universidade Federal de Sergipe, que hoje é regido pelo maestro Ion Bressan.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música, sobretudo o canto coletivo, assumiu grande importância em nível mundial desde a Grécia antiga, muito embora nesta época o canto tivesse assumido faces específicas. Perpassando diversas temporalidades, a música foi uma das artes mais relevantes, sendo a mais importante no século XIX e, no campo da educação, contribuiu para a educação dos ouvidos, consolidado em cada época as concepções de mundo, as ideologias sociopolíticas de cada região. Nesse sentido, o canto coral refere-se entoação de canções, sejam elas de tradição oral, populares ou clássicas, desenvolvidas por várias pessoas ao mesmo tempo (VIEIRA, 2012).

O Cultart, ligado à Coordenação de Cultura e Arte - CCART da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Sergipe, vem desempenhando um papel de extrema importância na área artística, acumulando em sua trajetória diversos documentos que abrigam a memória das atividades de seus projetos, sobretudo do Corufs. Nosso objetivo, a princípio, foi localizar e organizar esta documentação concernente apenas a esse grupo coral e a partir da pesquisa de levantamento e documental, traçaríamos narrativa sobre as práticas educativas do coral.

Ressaltamos que a sede do Cultart, localizada na avenida Ivo do Prado do Bairro São José - Aracaju/SE - Brasil, de número 612, havia transferido parte de seus documentos para o Arquivo Central da UFS em virtude de uma reforma, o que inviabilizou o nosso acesso. Durante as visitas ao Arquivo Central da UFS, vimos que a documentação estava desorganizada, necessitando, sim, da nossa proposta de trabalho. Apesar de não termos tido acesso ao acervo do Corufs quando o mesmo se encontrava no Cultart, procuramos redimensionar o nosso trabalho buscando, assim, outros acervos.

Localizamos as fontes sobre o Corufs no Arquivo Central da UFS e a partir delas investigamos suas práticas educativas e a sua história. Por ser fundado em 1970, período em que se deu o início do declínio, em nível nacional, da disciplina Canto Orfeônico, percebemos que o Corufs, junto ao Cultart, estabeleceu uma nova forma de conceber o canto coletivo, após os finais do século XX.

A criação do Corufs marcou o início de uma nova etapa do movimento coral em Sergipe, que anteriormente se deu através dos orfeões escolares, formados pelos (as) discentes das escolas públicas e particulares (SANTOS, 2016). O papel educativo desse grupo coral se deu tanto pela transmissão da cultura através da música sob a regência do maestro Carlos Plech, quanto pelas oficinas musicais ministradas pelo maestro, que tiveram um papel fundamental na formação dos indivíduos que, segundo as fontes coletadas, eram amadores.

Mesmo sendo um coral composto por cantores amadores, o Corufs teve uma atuação internacional, o que denota um considerável nível. Apesar de os documentos informarem

que a música brasileira teria lugar garantido, no repertório, percebemos que, nos folders, a música erudita europeia ocupou o principal lugar. Essa preferência pela música erudita europeia pode ser justificada pelo fato de o maestro Carlos Plech ter realizado a sua formação acadêmica na Romênia.

Haja vista que este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica, a contribuição desta para a formação dos pesquisadores é inegável, uma vez que adquirimos, nesses meses, conhecimento das formas de busca, seleção e análise da documentação. As adversidades da pesquisa foram e são fundamentais para a formação do pesquisador, uma vez que nos mostram que a academia cobra os frutos da pesquisa e estes não vêm de forma fácil, ou seja, os infortúnios surgem durante qualquer percurso investigativo. Até o momento da produção deste artigo, não existia trabalho acerca da trajetória do Corufs. Nesse caso, este estudo surge como a primeira produção acadêmica que aborda a trajetória e as práticas educativas desse grupo. Sendo assim, abre portas para que futuros pesquisadores tenham condições de aprofundar a análise aqui iniciada.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Yolanda de Quadros. **Elementos de canto orfeônico**. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: **Fontes históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 23-79.

BARRETO, Conceição de Barros. **Coro orfeão**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1938.

BONITO, Rebelo. **Canto coral e vida orfeônica**: subsídios para a história do canto colectivo popular e artístico. Porto/PT.: Alttiormelior, 1952.

BRASIL. ACERVO PESSOAL DA PROFA. JOSEFA ELIANA SOUZA. **Convite para concerto comemorativo de aniversário do CORUFS (15/12/1990)**. ARACAJU - BRASIL [s.d].

BRASIL. ACERVO PESSOAL DA PROFA. JOSEFA ELIANA SOUZA. **Folder Programme de la commemoration du 14 juillet**. ARACAJU - BRASIL [s.d].

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Breve histórico do coral da Universidade Federal de Sergipe**. São Cristóvão [s.d].

BRASIL. **Relatório das atividades do centro de cultura e arte - CULTART / PROEX / UFS (1992-1996)**. São Cristóvão, 1996.

BRASIL. CENTRO DE CULTURA E ARTE - CULTART. **Oficina Introdução as invenções de J. Sebastian Bach**. ARACAJU - BRASIL [s.d.].

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. **Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm>. Acesso em: 15 jul. 2018.

CURRÍCULO. **Antônio Carlos Plech**. [s.d.].

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes (vol. 1), Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: Enciclopédia Einaudi. Vol.1. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 1984.

SANTANA, Ana Lúcia. **O canto Coral**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/musica/canto-coral>>. Acesso em 24 de ago. 2014.

SANTOS, Elias Souza dos. **Ó Tupã, Deus do Brasil**: o canto orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1934-1971). Jundiá-SP: Paco Editorial, 2016.

VIEIRA, Carlos Eduardo da Silva. **O gosto pelo canto coral protestante no Brasil**: histórias e tensões em um campo musical. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo/SP, 2012.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; SOUZA, Josefa Eliana; CERQUEIRA FILHO, Manuel Luiz. **Sociedade e cultura sergipana**. Parâmetros curriculares e textos. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer, 2002.

THE EDUCATIONAL PRACTICES OF THE CORAL OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF SERGIPE - CORUFS (1970-1990)

ABSTRACT

This article aims to investigate the educational practices of Corufs in the period from 1970 to 1990. It is, then, a research of historical documentary character whose product, the written source, is our raw material. The sources were analyzed based on Le Goff (1984), a historian who advises us to demystify them. During its 47 years of existence, the Corufs has been executing a repertoire that covers both erudite and "popular" genres, and in the first two decades of its performance, it's presentations have taken place at the local, national and international levels. Thus, although the documents inform that Brazilian music would have a guaranteed place, in the repertoire, we noticed that, in the folders, the erudite european music occupied the main place.

Keywords:History of education. Musical education. Corufs.

LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS DEL CORAL DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SERGIPE - CORUFS (1970-1990)

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar las prácticas educativas del Corufs en el período de 1970 a 1990. Se trata, entonces, de una investigación de carácter histórico documental cuyo producto, la fuente escrita, es nuestra materia prima. Las fuentes fueron analizadas con base en Le Goff (1984), historiador que nos aconseja desmitificarlas. En el transcurso de sus 47 años de vida, el Corufs viene ejecutando un repertorio que abarca los géneros erudito y "popular", siendo que en las dos primeras décadas de actuación, sus presentaciones se dieron en los ámbitos local, nacional e internacional. Así, a pesar de que los documentos informen que la música brasileña tendría lugar garantizado, en el repertorio, percibimos que, en los folders, la música erudita europea ocupó el principal lugar.

Palabras clave: Historia de la educación. Educación musical. Corufs.

Recebido em 10 de outubro de 2018 e aprovado para publicação em 12 de dezembro de 2018.